

DO CEDRO AO PAU-BRASIL

a família Heluy no Brasil



José Facury Heluy



Edição do autor - 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Heluy, José Facury

Do Cedro ao Pau Brasil [livro eletrônico] :
a família Heluy no Brasil / José Facury Heluy. --
Cabo Frio, RJ : Ed. do Autor, 2023.

PDF

ISBN 978-65-00-79492-2

1. Família - Brasil - História 2. Genealogia
3. Imigrantes libaneses - Histórias de vida
4. Libaneses - Brasil - Biografia I. Título.

23-170843

CDD-929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Família Heluy : Genealogia 929.2

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



DO CEDRO AO PAU-BRASIL

Do que a memória fala dentro de nós, vem da nossa história, da nossa ancestralidade, das terras em que nossos antigos desbravaram muitas vezes para fugir dos tiranos, da miséria, das brigas territoriais ou de si mesmos, achando que ali ou acolá a bem-aventurança chegará.

Então, é preciso mergulhar nesse universo antes que a névoa do tempo apague os traços da história que ainda restam nos nossos parentes mais próximos.

É necessário ter o interesse aguçado naquilo que o tornou um ser participante de um conglomerado de descobertas e desenvolvimento nos territórios nos quais aquela trajetória foi construída, a fim de identificar a raiz daquilo que eventualmente foi elaborado a partir dos desejos e circunstâncias que surgiram na vida de cada um nesse intermitente fluxo migratório.

É preciso que tenhamos uma consciência de classe real, compreendendo exatamente por que as coisas acontecem e como se desdobram ao longo da história para beneficiar um ou outro grupo social. Devemos fazer disso parte de nossa própria trajetória histórica, para que as novas gerações que venham a seguir se envolvam nesse ciclo temporal da vida.

Um mergulho na ancestralidade vai nos revelando, a cada

regressão buscada, uma série de acontecimentos que se entrecruzam com a história dos territórios que foram palco desses eventos, nos trazendo as verdadeiras razões das famílias se misturarem, às vezes como mero acaso do destino, ou mesmo forçadas por razões de sobrevivência.

Ainda muito jovem, juntamente com meus primos, meu padrinho e tio Aziz Antônio Heluy nos mostrou seu manuscrito, descrevendo tanto a origem do nosso sobrenome "Heluy" quanto os traços do desdobramento genealógico ao longo das gerações até a família chegar ao Brasil. Por muito tempo, permaneceu em minha mente a necessidade de conhecer os acontecimentos em torno da ação familiar e as inquietações de nossos ancestrais que os levaram a deixar seus belos lugares nas montanhas libanesas, bem como o que encontraram ao chegar em terras com costumes e práticas tão diferentes, além do que os aguardava nas novas terras.

Instalou-se também em mim a vontade de transmitir às novas gerações, através dos meus filhos, essa trajetória tão significativa, tendo-me como portador hereditário da memória, não só da família, mas de toda uma colônia sírio-libanesa que também contribuiu ao longo de dois séculos para o desenvolvimento do nosso país.

Essa vontade do saber ancestral que me levou a querer saber

mais dos acontecimentos ao redor deles, que vieram do Oriente Médio, mais precisamente da aldeia de Zahle do vale do Becaá no Líbano, região montanhosa, onde se apinham as ruínas dos templos de Baalbek, Tiro e Sidon, antigos berços da civilização fenícia.

Se afirmam também os saberes que me chegaram dos contos orientais das Mil e Uma Noites e das passagens da Bíblia no seu Velho Testamento. Nestes, tudo para mim era fé, magia, fantasia, encantamento e acirrados conflitos, quase todos de origem étnico-religiosa, mesmo sendo todos da mesma origem racial e, por que não dizer, cultural, já que a língua se igualava com pouquíssimas diferenças fonéticas.

No mergulho, enquanto a Bíblia e o seu Velho Testamento me norteavam para além do meu saber, no Novo Testamento isso não acontecia. As mensagens do Messias e seus apóstolos me vieram diretamente dos meus pais, que eram cristãos maronitas, e através das minhas próprias convicções, pautadas num pensamento deísta que se instalou até hoje em reflexões múltiplas no fidedigno desejo do *ser*, apesar das dificuldades em um mundo que só nos ensina a competir para *ter*. E, muito menos na questão da fé, que as religiões insistem em negociar como se fosse uma loja varejista vendendo o Reino dos Céus.

Completando esses ensinamentos chegaram os versos de

Khalil Gibran, com sua obra literária acentuada pelo misticismo, também natural do mesmo Monte Líbano de raiz maronita, assim como os meus ancestrais. Sua produção evidenciou-se em grandiosidade pelo romantismo filosófico influenciado por fontes de aparente contraste com a moral da época, tratando de temas como o amor, a amizade, a morte e a natureza, entre outros. Em sua obra "O Profeta," deparamos com um pensador que germina as duas culturas libanesa e brasileira, passando a ser muito comum tê-lo como fonte do saber ancestral em conjunto com os vates maranhenses, históricos e/ou contemporâneos, em tons bem mais dramáticos.

O que eu lembro da infância ligado à cultura libanesa ficou muito presente na comida e em seus múltiplos sabores, em que o limão, a hortelã e a pimenta-do-reino compõem o segredo. Através das gostosas pastas de grão de bico ou berinjela com "tahine," com pão árabe de pasto e nas mesas domésticas das partidas de canastra com baralhos quase sempre novos. Às vezes recheadas das hilárias brigas dos pais e parentes que, aos pares de quatro, seis ou oito, disputavam ferozmente o pódio de vencedor, dentre muitas falas em árabe, quando buscavam o segredo deles para que os menores não entendessem os recados educacionais de "mandar para a cama," ou mesmo os impropérios entre si. Vindos através dos tons e dos gestos que nos levavam a fantasiar,

querendo entendê-los, se eram assuntos leves ou querelas cabeludas. As saídas intempestivas do carteadado denunciavam o teor, mesmo que sempre retornassem no dia seguinte como se nada tivesse acontecido!

Esses acúmulos de aprendizados me inquietaram a investigar, para além dos desejos, o que os impulsionou a partirem com "mala e cuia" do seu belo lugar cheio de histórias milenares e o que eles encontraram ao chegar em terras brasileiras, praticamente virgens, ainda apinhadas de índios semi-aldeados e negros recentemente abolidos de uma dolorosa e cruel escravatura.

Os daqui, em suas misérias, e os que chegavam maravilhados em suas esperanças, sem saber o que fazer naquele Brasil de muitas injustiças. Chegaram de uma região em milenar conflito étnico, em que as religiões que surgiram para significar a paz fomentavam ainda mais a cisão de irmãos, como se o Deus fosse exclusividade de cada uma delas. Fugiram da crueldade, mas tiveram que aprender a conviver com uma outra cultura também massacrada, porém com usos e costumes tão diferentes dos seus.

De qual tribo viemos? De qual aldeia vieram os nossos antepassados? Qual a sua história e que cultura tinham antes de serem colonizados, invadidos e dominados por barbáries

contínuas que foram tirando o cerne da sua origem? Para isso, só um mergulho visceral no passado, tanto para descobrirmos nossas origens como para nos entendermos como humanos.

Quebrar os preconceitos envoltos nas brumas de um passado nebuloso para alguns e a necessidade do mergulho para outros é que a revelação florescerá, sem o repúdio primal na investigação das referências atrativas ou desprazerosas que nunca deverão ser descartadas para nos embriagarmos de informações que se revelarão em beleza ética, estética e histórica para o autoconhecimento.

Trazer o máximo de informações a que se pode chegar, pautadas na veracidade dos fatos, é de vital importância para que a teia genealógica se constitua com organicidade arquetípica.

Os fenícios, uma civilização muito antiga que hoje desapareceu, eram hábeis navegadores que singraram os mares do Oriente e dizem que também os "mares nunca d'antes navegados..." oceano afora em embarcações de troncos de cedro, da quilha ao mastro, com o pleno intuito de desbravar mares e desenvolver o seu comércio de troca de produtos e saberes com os portos mais próximos e os mais longínquos.

Há muitas controvérsias em caracterizar as origens da civilização fenícia a partir das escavações nos sítios fenício-púnicos, o que é de origem fenícia e o que é de origem

cartaginesa. Assim, os arqueólogos não assinalam rupturas como as verificadas em certos sítios antigos na Sardenha.

O "império" púnico, cuja formação e funcionamento não tem características de um imperialismo em sentido estrito, seria antes considerado uma espécie de confederação de colônias pré-existentes em volta da mais poderosa dentre elas, quando se deu o declínio da cidade-mãe de Tiro. Cartago teria ficado no protagonismo, encarregado de assegurar a segurança coletiva e as atividades mercantis. Naqueles tempos, imaginamos que a troca de produtos era singularmente nativa a cada região. Nada ainda que representasse o dinheiro.

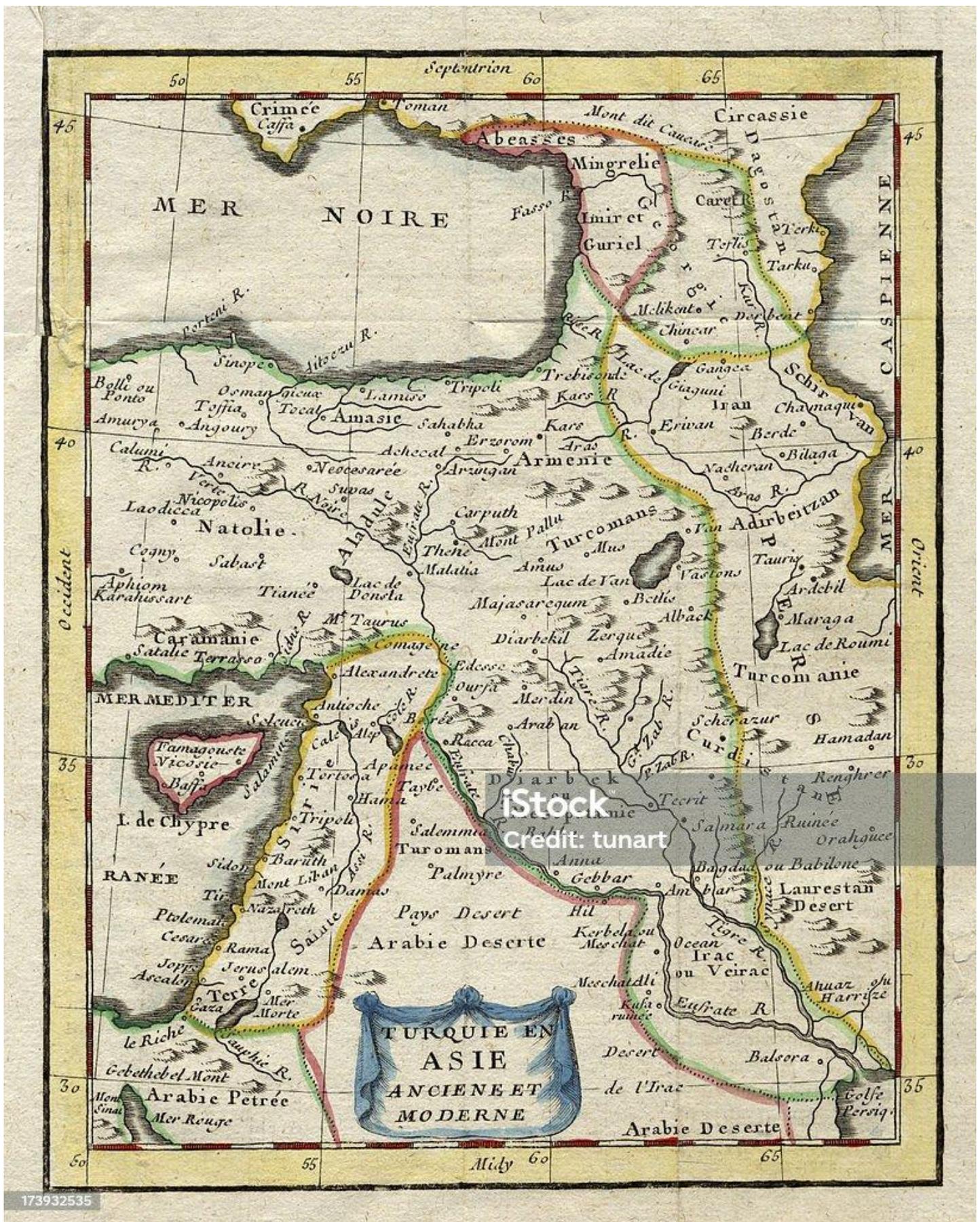
Os fenícios do Ocidente e, posteriormente, os púnicos tiveram relações precoces com outras civilizações, sobretudo com a etrusca, com a qual também estabeleceram ligações comerciais. A arqueologia testemunhou essas relações a partir de alguns achados encontrados em necrópoles cartaginesas, como vasos de produção etrusca chamados búcaros e uma inscrição em etrusco na qual se apresenta um cartaginês.

A aliança com os etruscos tinha também como objetivo traçar a expansão para o Ocidente, aproveitando o vasto conhecimento náutico em relação à fúria e aos movimentos dos ventos, diante do profundo desconhecimento dos 'mares sem fim', como eram conhecidos os grandes oceanos. Se eles conseguiram atravessá-

los na antiguidade, como estudiosos destacam em relação às contribuições fenícias, deve-se confirmar que o desejo migratório dos libaneses foi enraizado em suas raízes ancestrais.

Mesmo que argumentemos que esse desejo migratório das famílias sírio-libanesas cristãs, que em épocas bem mais recentes se deu por razões ligadas às perseguições ao fugir das guerras das diversas etnias islâmicas, o espírito aventureiro se acentuou ainda mais no século XIX.

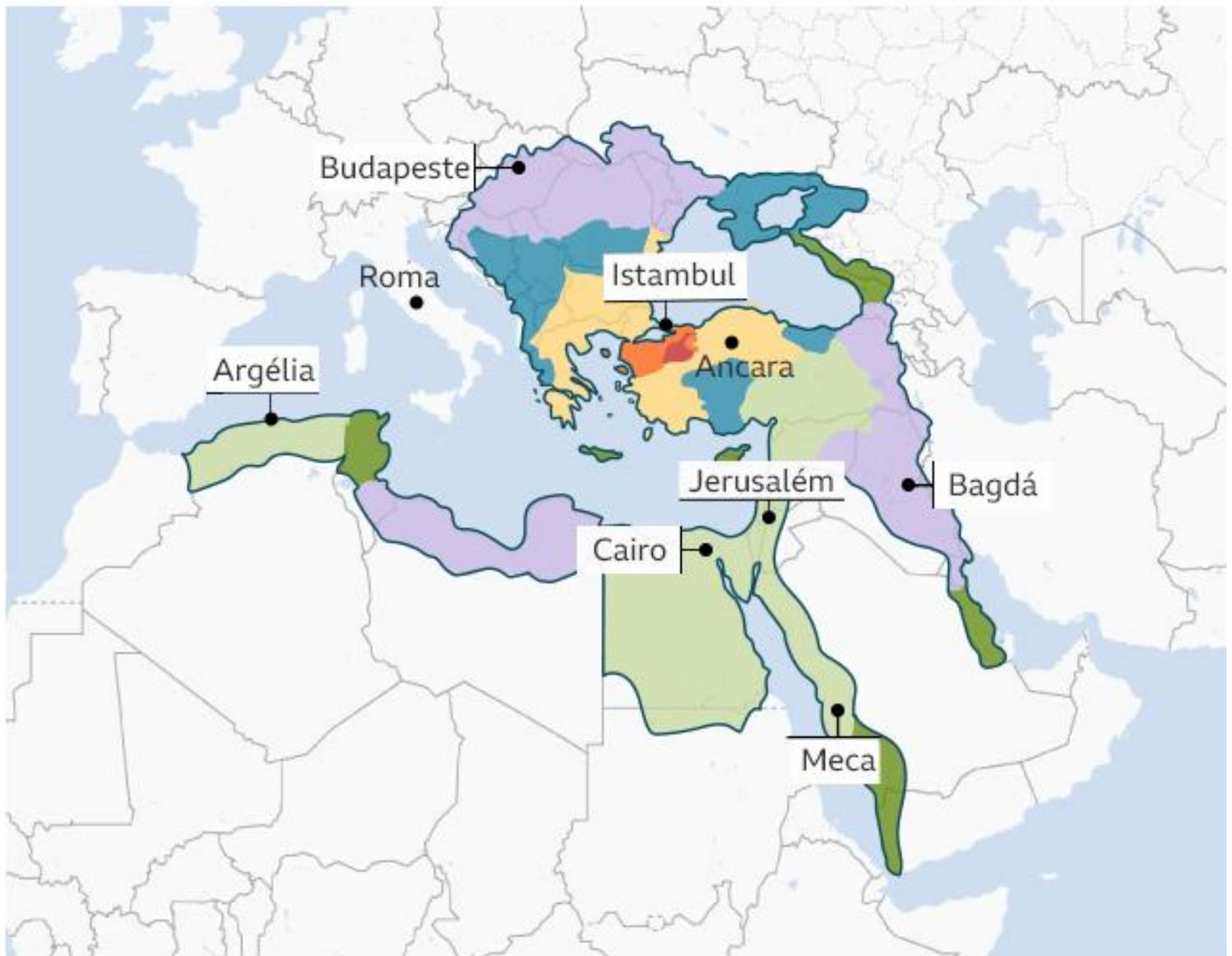
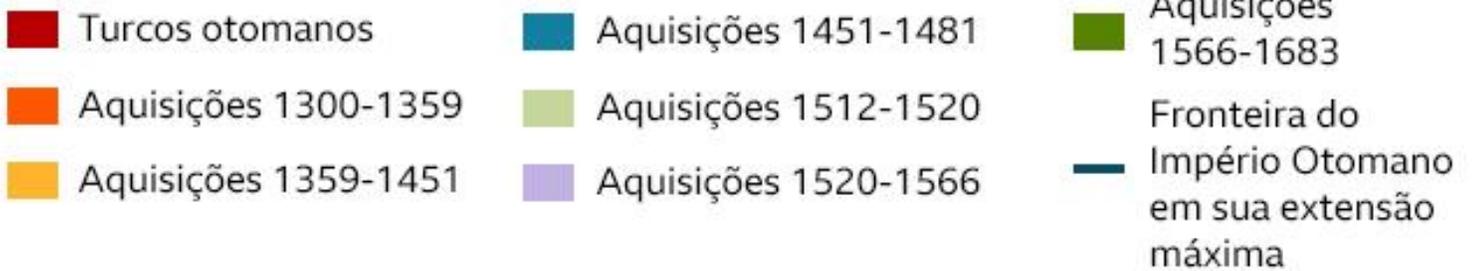
A princípio, estava na veia arquetípica dos libaneses desbravar mundos. Atestam arqueólogos que, séculos antes de Cristo, os fenícios chegaram até ao extremo norte brasileiro, no município de São Raimundo Nonato. Ali, encontramos uma das mais antigas manifestações de arte rupestre que referencia o feito nas falésias e cavernas do Parque Nacional da Serra da Capivara no extremo norte do Piauí.



173932535

Mapa Antigo do Oriente Médio, no qual se vê a civilização fenícia localizada entre os rios Tigres e Eufrates

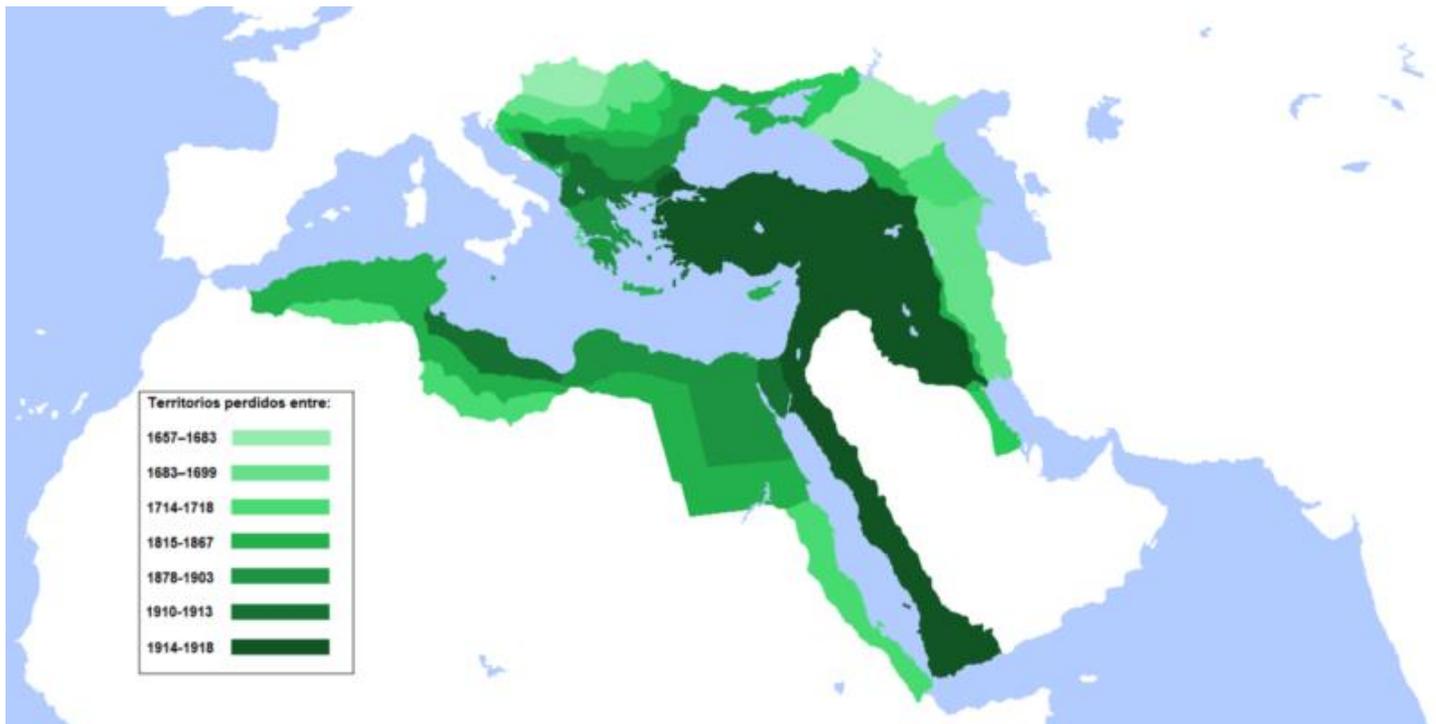
Expansão do Império Otomano



Fonte: Enciclopédia Britânica

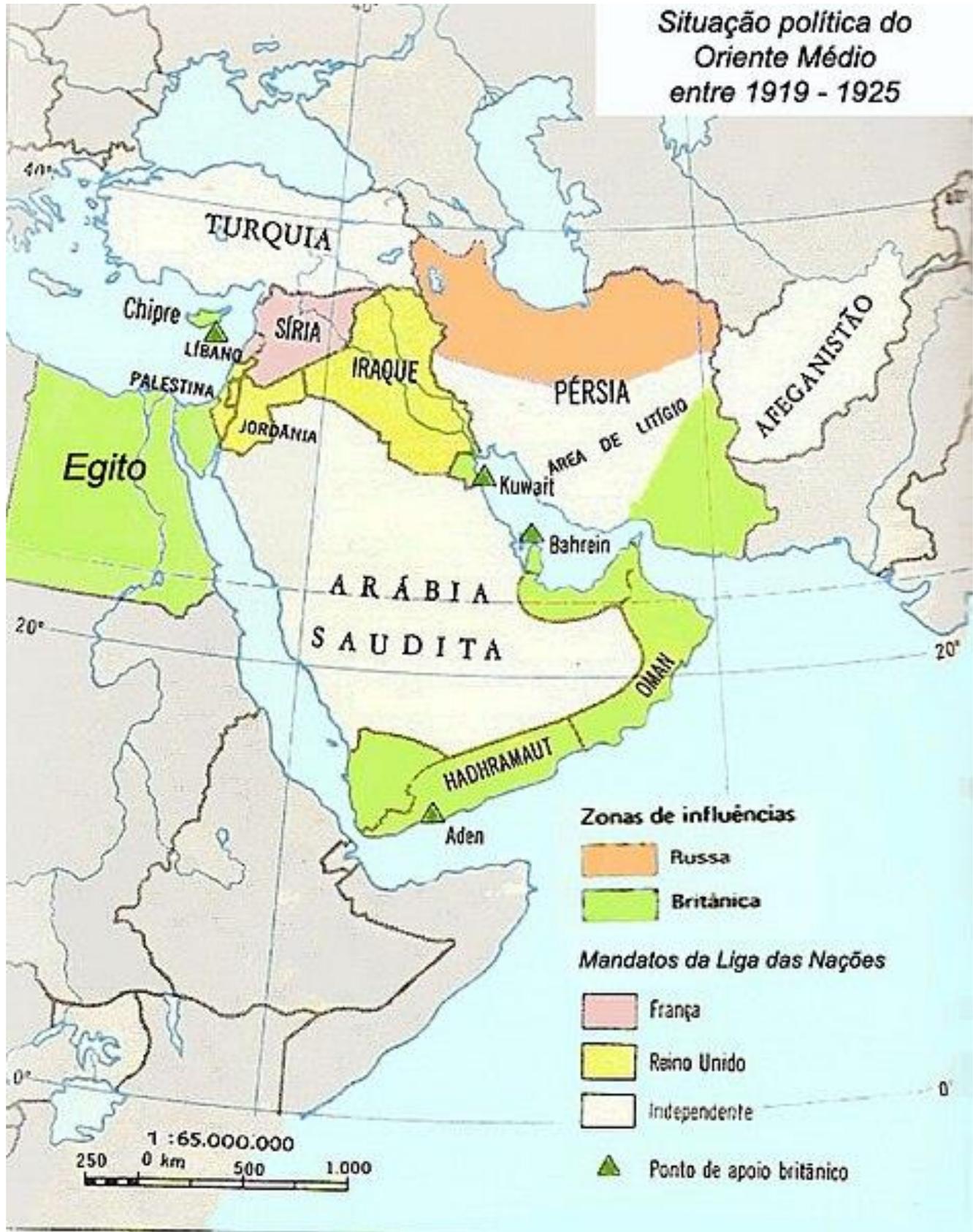


Expansão do Império Otomano no Oriente Médio do século XII ao século XVIII



Diminuição gradativa do Império Otomano no Oriente Médio

Situação política do Oriente Médio entre 1919 - 1925



Mapa do Oriente Médio no pós-guerra com a divisão em possessões europeias até 1925

O PORQUÊ DAS ÁRVORES

O título deste resgate memorial também se volta para o meio ambiente ao destacar os únicos dois países do mundo que homenageiam a árvore, um dos símbolos mais nobres da natureza terrestre: o cedro, árvore símbolo do Líbano, e o pau-brasil, que dá nome ao nosso país.

O cedro (*Cedrela fissilis*) foi utilizado em diversas civilizações (desde as tribais até as clássicas) para a confecção de materiais e objetos de alta durabilidade, leveza e maciez incomparável, ideais para a escultura. Sua madeira nobre, reconhecida por sua durabilidade, homogeneidade e aroma, foi amplamente utilizada na antiguidade pelos fenícios na construção de suas embarcações militares e comerciais, bem como na construção de templos e habitações. Além disso, era costume queimar esse tipo de cedro em várias cerimônias solenes. Vários reis da região, bem como de países distantes, buscavam sua madeira para uso na construção civil ou religiosa, sendo o exemplo mais famoso a construção do Templo de Salomão em Jerusalém.

O pau-brasil (*Paubrasilia echinata*), que empresta seu nome ao Brasil, é uma árvore típica da Mata Atlântica brasileira. No século XVI, era conhecido pelos índios tupis como ibirapitanga. Ela pode atingir até quinze metros de altura e possui galhos com

espinhos. Ganhou importância para os exploradores europeus não apenas por sua utilidade na construção de inúmeros objetos, mas principalmente porque a resina de sua madeira era utilizada na produção de um corante vermelho usado para tingir tecidos. Seu nome, desde a Idade Média, circulava em várias partes do continente europeu como "brecil" (brasa). No primeiro ato comercial brasileiro, milhares de toras foram levadas da feitoria de Cabo Frio para Portugal no navio Bretoa, e a exploração se expandiu, desde que os devidos impostos fossem pagos à Coroa.

É notável que essas duas árvores tenham tido, no início de seu potencial valor, trajetórias comerciais semelhantes. O cedro, devido à sua leveza, consistência e maciez, era ideal para entalhes esculturais, utilidades e ornamentações, enquanto o pau-brasil, com suas características de moldagem e a cor encarnada notavelmente primária, destacava-se na composição cromática. Portanto, a homenagem prestada por ambos os países é merecida, e talvez por isso seja inevitável o destino de encontros tão produtivos.

ONDE COMEÇA NOSSA HISTÓRIA

No Líbano do século XIX, coexistiam diversos grupos étnicos e religiosos, incluindo muçulmanos (xiitas e sunitas), cristãos (maronitas, ortodoxos gregos, melquitas greco-católicos, católicos romanos, protestantes) e outros cristãos (armênios, coptas), bem como as seitas alauíta e drusa. Por séculos, eles disputaram o desejo de hegemonia do Estado Religioso, sendo todo o seu território politicamente e administrativamente dominado pelo exército otomano, que professava o islamismo, há quatro séculos.

No final da primeira metade do século XIX, o Líbano estava mergulhado em convulsões sociais. No Norte, os camponeses maronitas atacaram e expulsaram as famílias consideradas nobres, tomando posse de suas propriedades. Esse movimento se espalhou por toda a região e se tornou um conflito entre os camponeses maronitas e os senhores drusos, tornando-se, na verdade, um conflito comunal e de classes.

Já desde o século XVIII, as populações cristãs em terras árabes, principalmente no Líbano, haviam estabelecido contato com as potências europeias. Como os europeus não podiam circular livremente pelo Império Otomano, ao qual o Líbano estava submetido, encontraram nos cristãos parceiros para vender seus produtos e comprar madeira. Quando ocorreu o sínodo de

reconhecimento no Vaticano, os maronitas finalmente reconheceram a autoridade papal, conferindo-lhes o status de cristãos. Esse elemento religioso beneficiou os maronitas em praticamente todas as áreas. França, Itália e Inglaterra reconheceram a importância dessa associação e facilitaram muito as transações de seus compatriotas com os maronitas.

Simultaneamente, os maronitas foram estudar engenharia, medicina e direito na França e “europeizaram-se”, algo até então inédito no Oriente Médio, dominado pelos otomanos. Foi nesse contexto de crescente europeização que surgiu a ideia de unificação da Síria, Líbano e Palestina cristã. Os maronitas professavam que a pátria era uma questão de fé e que a verdadeira religião era a cristã. Isso incomodava tanto o domínio otomano quanto a maioria muçulmana, levando a chamá-los de infiéis e acreditar que mereciam castigos divinos. Como eram minoria, a perseguição era constante.

A abertura do Canal de Suez, no Egito, que durou da década de sessenta do século XIX até ao raiar do século XX, abriu o acesso navegável para os portos da Europa e conseqüentemente para a Américas do Norte e do Sul, pelo qual as ondas migratórias se intensificaram em quantidade.

INFLUÊNCIAS DOS TEMPOS REVOLUCIONÁRIOS

Seguindo paralelamente a essa trajetória, os colonizadores ocidentais europeus, após as revoluções conhecidas como "a Primavera dos Povos", uma série de agitações na Europa Central e Oriental que eclodiram em resposta aos regimes governamentais autocráticos, também influenciaram os cristãos maronitas e ortodoxos do Oriente Médio.

Eles se sentiam no pleno direito libertário de aspirar a um bem maior, ao voltar-se para os ideais da Revolução Francesa e evidenciar a Declaração dos Direitos do Homem, baseada nos princípios da igualdade, liberdade e fraternidade. Era possível expandir esses ideais entre os povos dominados, fazendo importantes ressalvas ao controle social e político. Essa retomada resultou em várias consequências libertárias de caráter humanista, não apenas para a França, mas para o mundo.

Isso incluiu o fim dos privilégios de classe, a abolição de resquícios do feudalismo, o início do declínio do absolutismo, inspiração para movimentos de independência, a popularização do sistema republicano como forma de governo, a separação dos poderes e a garantia das liberdades individuais que tornaram os homens "iguais perante a lei". Isso teve um impacto significativo nos sistemas escravocratas e, principalmente, despertou a

conscientização para a descolonização, incluindo aspectos econômicos. Para os cristãos, esse era um processo libertário irreversível.

O ROMÂNTICO INÍCIO DA FAMÍLIA HELUY



A matriarca avó Malak Metre Heluy, esposa do Miguel Heluy, após retornar do Brasil com a família em meados do século XX

É neste contexto histórico, na aldeia de Zahle no Líbano, que vivia a linda jovem Nadja, já saindo da sua puberdade, como nos contava oralmente, e teve a sabedoria intelectual manuscrita em forma coloquial narrativa o meu tio padrinho Aziz, irmão do meu pai Elias, motivado pelos filhos e todos nós que o cercavam. A

princípio, para sabermos o significado do próprio sobrenome Heluy que na nossa língua pátria é o feminino de Helu (Belo), ou seja, “A Bela” (Al Heluy) como chamavam a formosa libanesa que ainda brincava com os irmãos pelos prados do Becaá.

Era a época de o castrador Império Otomano reconhecer a deficiência de seu imenso exército para enfrentar insurgências no seu domínio oriental, já amontoando há séculos em desgastante ocupação territorial. Foi assim que esse domínio turco começou, não só para adquirir armas como para receber a consultoria de militares europeus para sustentar a paz colonial diante dos inúmeros conflitos étnicos e religiosos da região.

Com estes, vieram também as “ideias estranhas” aos muçulmanos: a separação da religião do estado lhes era inconcebível; o nacionalismo não lhes cabia; a ideia libertária de pátria; a democracia; o fim da tirania e de todo o ideário da revolução francesa (igualdade, fraternidade e liberdade). Nada disso poderia ser suportado no âmbito do fundamentalismo islâmico.

Enquanto os muçulmanos e otomanos estreitavam suas relações no âmbito do estado religioso, os maronitas se abriam para o mundo ocidental, inclusive com a emancipação lenta, mas gradativa dos direitos das mulheres.



Meu tio Aziz Heluy e seu manuscrito original contando a origem do sobrenome que deu nome à família

"Eu perguntava aos meus saudosos pais Miguel e Malaque e à minha avó Míriam "Por que nós temos esse apelido de Heluy?" Eles, então, notando a minha curiosidade, passaram a me contar, aos poucos, os

detalhes e as razões que originaram este apelido aos descendentes do nosso ancestral Semãn ou Simão."

Todo início da formação da família Heluy começou há duzentos anos, logo após as guerras napoleônicas. O jovem Simão, também conhecido como Semãn, de origem fenícia-libanesa, era o primogênito da família Abu Darwiche, que possuía um considerável patrimônio para os padrões libaneses da época. Vale ressaltar que, devido à dominação otomana, a posse de bens tinha seus limites. Mesmo no início das descolonizações no Oriente Médio, as interferências do Estado religioso persistiram por mais um século. Essa limitação econômica era insustentável e não condizia com a força do trabalho rural ainda em estágio primário.

Naquela época, Simão e sua família moravam no sul do Líbano, enquanto o lado materno da família possuía pequenas propriedades agrícolas na Galileia, terra natal de Jesus, ao norte de Jerusalém, considerada a Terra Santa do cristianismo e reverenciada pelo Islã.

"O jovem Simão Abu Darwiche era um homem destemido e corajoso. Possuía excelentes cavalos de montaria, que naquela época era o melhor meio de

transporte. Iniciou longas viagens ao norte da Síria, acompanhado por seu irmão Sleiman e outros companheiros, tentando alcançar seus objetivos. Nessas aventuras, compravam e traziam enormes rebanhos de carneiros e lã de fibra longa. Chegavam com esses produtos aos verdes campos do vale de Bekaa, no Líbano, perto de Ablãh, onde realizavam transações com os interessados da cidade de Zahle e arredores. A maioria dos rebanhos eram adquiridos por viajantes da cidade de Damasco. Após concluir seus negócios, seguiam para o Sul do Líbano e outros Estados árabes. De lá, retornavam com dezenas de cavalos, incluindo alguns de raça, que vendiam ao longo de sua jornada de volta ao centro do Líbano."

No Oriente Médio, assim como nas culturas latinas, é comum as mulheres assumirem o sobrenome do marido devido ao seu aparente significado histórico tradicional: as mulheres deixariam de pertencer à família do pai para pertencerem à família do marido. No entanto, essa perspectiva pode ser contrariada, pelo menos no contexto da cultura europeia, onde durante séculos, e até pelo menos o século XIX, manteve-se o costume matriarcal de as filhas adotarem os sobrenomes de suas mães, tias e avós na maioria

dos casos, tanto entre a nobreza como entre o povo.

Reservava-se aos rapazes o uso dos sobrenomes de seus pais, tios e avós (masculinos). Além disso, havia o costume cruzado de o primeiro filho homem tomar o nome completo do avô paterno, enquanto o segundo filho homem tomava o nome completo do avô materno. No caso das mulheres, procedia-se dando à primeira o nome completo da avó materna e à segunda o nome completo da avó paterna, e assim por diante.

Era comum em comunidades pequenas e culturalmente significativas nos tempos passados os filhos herdarem corriqueiramente também os apelidos como referência identitária local. No entanto, a proliferação dos apelidos dados às mulheres era bem mais incomum. Apenas uma cultura em processo libertário em pleno século XIX, como a libanesa de tradição cristã maronita, teve o poder de estabelecer a associação do apelido de uma mulher ao associá-lo ao nome do marido como identificação primordial: O José do Elias, a Maria do Aziz... E, mais precisamente dos personagens familiares, que vamos tratar aqui: o Simão da Bela... Simão Al Heluy!

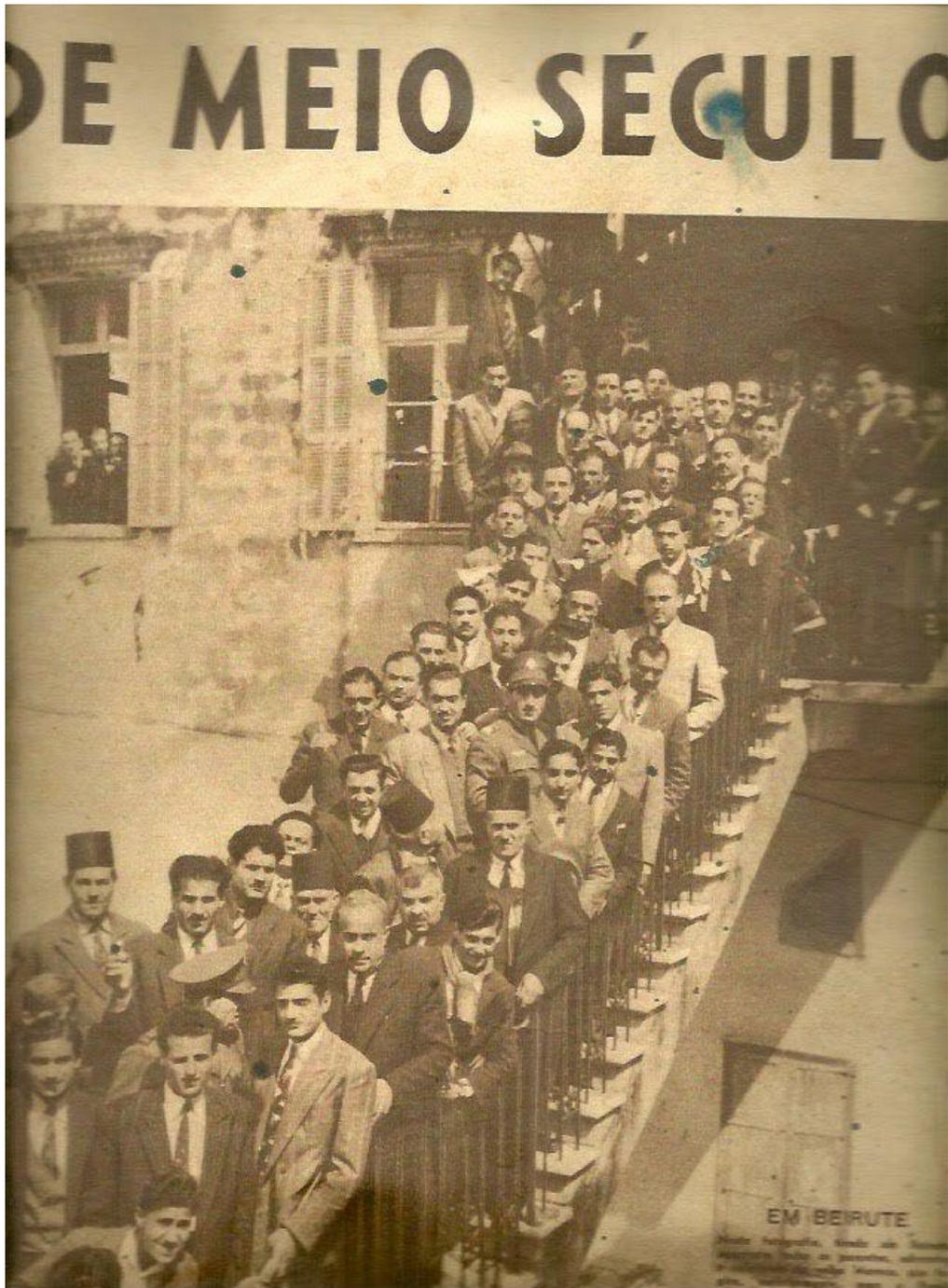
"Em uma das suas passagens pelo célebre vale de Bekãa, o chefe Simão começou a se interessar pelas férteis terras da região e logo tratou de adquirir boas terras,

vinhedos e propriedades de seu interesse, próximas às cidades de Ablah e de Zahle. Com isso, acabou se tornando o local central de seus prósperos negócios e atividades agropecuárias, e, através disso, cumpriu-se o que estava destinado. Durante suas frequentes visitas à cidade de Zahle, ele teve a imensa satisfação de conhecer a moça mais formosa e bela da cidade, que também possuía uma bonita voz e era admirada e elogiada por todos. Foi assim que ela ganhou o apelido de Najla al-Heluy - a bela.”

Enquanto esse romance se iniciava, ao redor, os drusos e maronitas expulsavam o chefe otomano Ibrahim Pasha, filho do temido herói das conquistas otomanas, Muhammad Ali. É importante ressaltar que a política no Oriente Médio deve ser abordada com brevidade até os dias de hoje, pois a reviravolta era inevitável a qualquer momento. O otomano Ibrahim Pasha, em seguida, armaria um exército de sete mil maronitas para lutar contra os drusos, reprimindo a expansão da revolta. No entanto, Pasha não cumpriu a promessa de permitir que as armas permanecessem nas mãos dos maronitas após o conflito e piorou a situação ao impor a obrigação do serviço militar otomano aos maronitas.

Até então, os maronitas estavam isentos dessa obrigação e, temendo serem forçados a se juntar a esse exército, uniram-se aos drusos para combater Pasha. Isso enfatiza ainda mais a tradição guerreira de nossos ancestrais, já conhecidos por todos como "o Simão da Bela", que também se destacou na luta, aprimorando suas habilidades na cavalaria.

A cavalaria é uma das armas que compõem o poderio militar de todos os exércitos do mundo. Assim como a infantaria, enfrenta diretamente o inimigo, mas tem missões distintas, como o reconhecimento e a vanguarda. Hoje em dia, opera em veículos blindados e é organizada em regimentos e esquadrões, equivalentes aos batalhões e companhias da infantaria. Antigamente, os cavalos desempenhavam todo o trabalho motor, daí o nome. Essa ação exigia dos cavaleiros, além de montarias de extrema qualidade e destreza, uma força incomum para atuar sob quaisquer circunstâncias adversas durante o conflito.



Chegada no Recife de uma leva de imigrantes libaneses (1921)

A LIBERDADE E O SOBRENOME, MESMO QUE TARDIOS

Logo após a Revolução Francesa, o capitalismo rompeu os obstáculos políticos feudais que ainda vigoravam na Europa Ocidental, juntando-se às transformações econômicas desencadeadas com a Revolução Industrial. Essas mudanças vinham sendo preparadas nos séculos anteriores, com o desenvolvimento do pensamento racional Iluminista. Para os iluministas, a razão poderia auxiliar todos os homens na explicação dos fenômenos da natureza e na forma de organização da sociedade.

Não que os iluministas fossem essencialmente revolucionários, mas as ideias iluministas serviram, juntamente com a utilização da razão para interpretar o mundo, para que os revolucionários franceses questionassem o caráter sagrado do poder defendido pelos reis, pela aristocracia e pela Igreja, seguindo os ideais dos direitos civis emanados pelos europeus.

Esse pensamento revolucionário chegou aos redutos cristãos maronitas das comunidades sírio-libanesas com um encaixe perfeito, onde o poder opressivo otomano se enraizava sobre suas cabeças. Era necessário que eles se unissem para agir contra o dominador, realizando intervenções militares necessárias para se livrarem do cruel inimigo secular.

Como não se destitui um poder consolidado, discricionário e armado até os dentes de uma hora para outra, os resultados diplomáticos foram inofensivos. Todas as investidas mais ousadas de libertação foram frustradas, causando efeitos contrários, resultando em mais crueldades e na ocupação de longas faixas de terra. Isso fez com que esse domínio otomano perdurasse por todo o século XIX, até a Primeira Guerra Mundial, já no século seguinte, quando a Turquia, por ter se aliado ao exército alemão derrotado, começou a retirar seu domínio das terras sírio-libanesas. Portanto, diante desse eterno estado discricionário, grandes levas de sírios e libaneses migraram para outros países, principalmente os do terceiro mundo, incluindo o Brasil.

PACOTILHA

JORNAL DA TARDE

Segunda-feira
Maranhão, 16 de Janeiro de 1899
Numero 13

<p>PACOTILHA JORNAL DA TARDE Fundado por Victor Lobato</p> <p>—</p> <p>Anno XIX</p> <p>PUBLICAÇÃO DIARIA E' o jornal de maior circulação na capital. Contracta-se a publicação de annuncios pelos mais modicos preços.</p> <p>LAPODO DO CARMO N. 24</p> <p>Numero do dia... 100 rs. Numero anterior... 200 rs.</p> <p>Assignaturas Para o Interior 1\$0000</p> <p>SERVIÇO MEDICO GRATUITO</p> <p>Aos Pobres Dr. AFRONSO SAULNIER—Consultas das 7 ás 8 horas da manhã. Rua da Misericórdia.</p>	<p>Companhia Pernambucana de Navegação</p> <p>Vapor <i>Jabotão</i></p> <p>Este vapor deve seguir para os portos do Ceará, Aracaty, Mossoró, Macau, Natal, Parahyba e Pernambuco no dia 17 do corrente pelas 12 horas do dia. Recibe passageiros, tendo já organizado o carregamento para os ditos portos.</p> <p>As malas serão retiradas do correio ás 10 horas da manhã. Maranhão, 11 de Janeiro de 1899. 146-1</p> <p>(custodio Gonçalves Balthazar, Agente.)</p> <p>Vapor «Daisy»</p> <p>Este vapor segue para o Pará e Comocm no dia 18 ás 6 horas da manhã.</p> <p>Tira-se as malas do correio no dia 17 ás 5 horas da tarde. Maranhão, 14 de Janeiro de 1899.</p> <p>Henry Airlie & C. Consiguararios-</p> <p>Banco Hypothecario e Commercial do Maranhão Covrido os srs. accionistas</p>	<p>Quitanda</p> <p>Passa-se a da rua da Madre-Deus canto e m as caixas n. 171 bem afreguezada; o dono só passa por motivo de molestia a tratar na mesma. 194-3</p> <p>Telhas tijillos</p> <p>oleuca de b' ferro, vende-se no Trapiche S. Angelo, a tratar com Raymundo Egidio Bastos. 176-2</p> <p>Cosinheira</p> <p>Precisa-se de uma no Sul Americano. 193-1</p> <p>Miguel Mettre & Primo,</p> <p>participam ao publico e ao commercio que mudaram seu estabelecimento da rua da Estrella n. 50, para a do Trapiche n. 41, canto com a rua da Calçada, onde foi a «Livraria Contemporanea»; alli aguardam as ordens seus amigos e frequentes.</p> <p>Maranhão 14 de Janeiro de 1899</p> <p><i>Miguel Mettre & Primo.</i> 186-1</p> <p>Barato</p>	<p>Carnaval!</p> <p>MASCARAS de todas as qualidades e feitios. CONFETIS, Serpentina, Borboletas, Rosas, Biscuitos, etc.</p> <p>PO' DORADO e prateado. E tudo proprio para o CARNAVAL, a preços que não admittimos competencia.</p> <p>Casa Americana CANTO DA RUA DO EGYPTO L. DO CARMO.</p> <p>CASA MARANHENSE</p> <p>RECEBEU</p> <p>Meias de todas as cores e pontuação para sras. Dias de todas as cores pontuação para meninos. Cartões de seda para café, de todas as cores e grossuras. Fios de lã para basta de vestido, todas as cores. Riz de seda para border, de todas as cores. Tais para vestidos. Cafetero, combreira para vestido. Telargaga de 1 fio e 2 para trabelcos.</p> <p>Vendem sem competencia M. Pereira & Comp.</p>	<p>Trabalhadores</p> <p>Na Fabrica da Companhia Ceconomica S. Luiz, no 34 Viana, precisa rede trabalhador e bom jornal, mordia lenha e agua, não cutia dinheiro.</p> <p>Tambem se admittio 3 ou 4 raprinhos para aprender a Oleiro 145-4</p> <p>Apolices geraes</p> <p>Compró J. B. Prado & C. 118-7</p> <p>Musica e piano</p> <p>D. Almerinda Nogueira continua a leccionar musica e piano a tratar na sua residencia á rua da Palma n. 42. 4539-1</p> <p>Moedas d'ouro e de prata</p> <p>Compró Marcelino Gomes de Almeida & C., á Praça do Commercio. 141-4</p>
---	--	---	--	--

Meu avô Miguel Mettre Heluy nos primeiros movimentos comerciais em São Luís do Maranhão, virou notícia no jornal Pacotilha em 1899



"Notadamente, com a falsa paz e as insurreições sempre recorrentes na região, o namoro de Simão se transformou em um grande amor, consignado em um casamento muito festejado. Depois, foram passear no Sul e, em seguida, voltaram a residir em Zahle, às margens do rio Berdauni, onde tiveram dois filhos, o primeiro com o nome de Tamer e o segundo, Ibrahim. O chefe Simão voltou a viajar e tratar de seus negócios e a família permaneceu morando na cidade. Ali os meninos foram crescendo cercados pelo carinho e amizade de gente boa e amiga, bem relacionada com a sua admirável mãe Najla -a bela, que por essa alcunha os meninos, aos poucos, foram sendo apelidados, a cada um de "Iben el-Heluy" e ninguém mais os chamava no seu sobrenome de Abu Darwiche. Diante disto, os pais, apreciando o belo apelido dados aos filhos, resolveram validá-lo a toda prova, tanto no registro de batismo como nas escolas onde os meninos estudavam e assim passaram a ser chamados e conhecidos pelo sobrenome de Heluy em toda aquela região".

"Assim foi dado o surgimento da nova família Heluy em Zahle, contada a mim repetidas vezes por meus pais e

avó. Aqui, também, fui informado e lembrado de outros detalhes históricos que ampliaram meus conhecimentos, por intermédio do meu saudoso tio Quesra, primo Kalil, e pelo parente Elias Nicolau. Além disso, meu irmão Elias também compartilhou informações e posso afirmar que quase todos tinham conhecimento do que foi narrado acima."

Nessa época, ocorreram inúmeras reações às práticas do liberalismo econômico, como a propriedade privada da terra, a liberdade do comércio, a abertura dos mercados e a industrialização. Diferentes líderes muçulmanos e políticos reagiram, não aceitando as mudanças, considerando-as radicais e fora do eixo islâmico. Nas montanhas libanesas, a influência externa provocou sérios enfrentamentos entre as comunidades maronitas e drusas.

Os cristãos maronitas eram os principais propagadores do europeísmo. Os drusos, mais conservadores, seguiam o mesmo sistema pré-capitalista do cunho pseudo-escravagista de sempre, mantendo também sua religiosidade autônoma e tratando todas as outras como infiéis ao Islã. Essas distintas estruturas econômicas, diferenças étnicas, culturais e religiosas reativaram os enfrentamentos históricos entre os dois povos, que só se uniam

pela luta comum quando necessário, principalmente contra os otomanos, mesmo assim, dependendo contra quem.

No século XIX, o mundo estava tomado por invenções grandiosas, incentivado pela revolução industrial, como por exemplo a fabricação do navio a vapor, que ampliava os deslocamentos, e outras tantas invenções que anunciavam um século XX brilhante. A iluminação pública transformava a vida do indivíduo, tanto nas relações de trabalho como no aspecto do consumo. Os ideais libertários com os acúmulos de conquistas da independência, as revoluções liberais, as abolições escravocratas, o nacionalismo, o socialismo... todos os jovens abastados filhos de libaneses que iam completar seus estudos na Europa voltavam com aura de vasto conhecimento, repassando aos amigos que não tinham condições mais favoráveis à grandeza cultural e intelectual dos novos tempos.

"Foi nesse contexto que a segunda geração da família Heluy, possuidora de recursos medianos começou a se firmar. O nosso bisavô Tamer, do qual somos descendentes, na sua mocidade, era um homem esbelto e amigo dedicado, gostava de tratar e possuir bons cavalos de raça de montaria e de corridas, e sempre conquistava o primeiro lugar nos grandes torneios de

hipismo, considerado o maior esporte da época. Ele abraçou a profissão do pai, acompanhando-o nas suas viagens a negócios e quando regressava, gostava de passar a maior parte do tempo na sua querida cidade de Zahle, onde se casou e teve deste matrimônio quatro filhos: Metre (diminutivo de Demétrio); Nicolau, Beshára e Salma, e a todos foi adotado o sobrenome de Heluy e nada de Abu-Darwiche.”

Já estávamos em mais da metade do século XIX, e novas insurgências no Sul do Líbano estavam ocorrendo, envolvendo a minoria maronita contra a maioria muçulmana e do centro ao Norte contra os drusos. O exército otomano sempre jogava entre os lados em conflito, intervindo violentamente às vezes se o vencedor ou vencido da disputa interna não obedecesse às ordens do sultão da época. A instabilidade social era uma constante, apesar do firme controle do exército otomano, que se agarrava com afinco às últimas colônias que lhes restavam.

A luta pelo poder hegemônico se intensificou, o que nos leva a considerar que os cristãos se tornaram mais ativos no mercado e nas finanças, além de liderarem a administração fiscal em algumas cidades importantes. Isso resultou em uma relativa melhoria econômica e social para eles, o que gerou ressentimento

e oposição por parte dos muçulmanos em momentos de crise social.

"Quero registrar aqui, neste oportuno espaço, um episódio heroico que sempre foi comentado pelos nossos antepassados, que o bravo Beshárat Heluy, filho do Tamer Heluy irmão do nosso avô Metre Heluy, ambos netos do Simão e da Nádia, abraçou com gosto e entusiasmo a carreira militar. No ano de 1860, ocorreu um ataque traiçoeiro e impiedoso dos maus drusos aos habitantes cristãos de Zahle. Ele então, como militar e patriota, encorajou sua gente e partiu à frente de seus soldados com mais outros voluntários civis dispostos a tudo e atacaram com coragem e determinação os inimigos que invadiram a cidade, causando-lhes inúmeras perdas e depois de outras bravas lutas. Ele voltou anunciando ao povo aflito da cidade, a grande vitória de seus homens contra os invasores drusos e muçulmanos, que eram incentivados e armados pelo governo turco. Com esta grande "Beshárat el-Nassr" que em árabe significa "Notícia da vitória", ele foi conclamado "Batal el-Nassr, ou "O herói da vitória". Os anos foram passando, mas novamente, em 1864, numa

outra sangrenta luta desigual com os traiçoeiros drusos, o nosso valente herói Besharat, foi lamentavelmente ferido e morto na defesa da cidade e de sua gente, deixando órfãos dois filhos menores."



Família Elias Nicolau Heluy e Margarida em 1929



Família Quesra Metre Heluy e Maria com seus nove filhos em 1929

A DIÁSPORA SÍRIO LIBANESA

É indiscutível que as perdas que ocorreram, tanto no âmbito econômico quanto no pessoal, incentivaram a onda migratória. A primeira ocorreu no ano de 1880, considerado por todos como o momento decisivo. Quatro anos após a visita do imperador Dom Pedro II ao Líbano, ao descrever as belezas, o clima e as oportunidades de trabalho, retornou com ele uma grande leva de maronitas que se queixavam dos maus-tratos dos soldados do Império Otomano e dos conflitos eternos que os atormentavam há séculos.

Em suas viagens, o imperador divulgou o Brasil por sua personalidade “Era um intelectual, um humanista e poliglota. Falava árabe, hebraico, aramaico e lia hieróglifos”, afirmavam. Isso fez com que ele tivesse vários admiradores por onde passava. Nas bibliotecas libanesas, podemos encontrar diversos jornais da época, escritos em árabe e hebraico, que descrevem as belezas e oportunidades do Brasil Imperial. Imagina-se que isso tenha servido como um motivo cativante para atrair libaneses ansiosos por novos horizontes.

Os cristãos que viviam nas montanhas foram os primeiros. Eles dominavam amplamente o comércio com os europeus. Isso sensibilizou tanto o imperador brasileiro que, incentivado pelos

monges beneditinos que o acompanhavam em sua comitiva, resolveu trazê-los para o Rio de Janeiro, concedendo-lhes a oportunidade de se tornarem o primeiro grupo libanês a se envolver em atividades comerciais no Brasil. Enquanto essa visita honrosa ocorria, a família Heluy seguia seu próprio caminho, aproveitando as oportunidades que surgiam para seguir o mesmo destino.

"Também o Ibraim, irmão do nosso bisavô Tamer, foi designado para administrar os bens e os negócios do pai, o "sheik" Seman (Simão), em Ablah, e lá casou e teve muitos filhos. O ramo da família cresceu, e uma parte de seus familiares eram chamados pelo sobrenome Heluy e outra de Seman e neste ponto da história, vale a pena contar um fato notável de seus descendentes de nome Abdo, o qual foi um menino inteligente, dedicado aos estudos, se formou em Direito e abraçou a política diplomática e pelos seus dotes de inteligência e habilidade conseguiu, junto aos chefes religiosos e dos Governos da Síria e da Turquia, a harmonia e a paz tanto no Líbano como em outros Estados árabes. Por isso, e por outras demonstrações cívicas, acabou sendo condecorado pelo Sultão Otomano, inclusive recebeu

mais um título honorífico de “Beik” (semelhante ao título de Barão) e passou a ser tratado e conhecido em toda parte por Abdo Beik Seman.”

Próximo ao final do século XIX o mundo estava tomado ainda mais por invenções grandiosas, incentivado pela revolução industrial com o navio a vapor que ampliava os deslocamentos, os ideais libertários com os acúmulos já históricos de feitos gloriosos das revoluções liberais em vários lugares do mundo, as abolições escravocratas, o nacionalismo como bandeira territorial, e o socialismo no âmbito da distribuição de renda.

O mundo, mesmo com a moral vitoriana inglesa e o poderio econômico que o Reino Unido exercia, viu-se diante de um futuro promissor, sempre associado ao desenvolvimento que o novo século XX haveria de torná-lo tangível e acessível aos dotados de saberes ocidentais.

Tudo isso já acontecia nos grandes centros, enquanto naquela região o poder do estado militar-religioso enquanto base e poder colonial o deixava na Idade Média. As sociedades tribais, colonizadas ou não por poderes com o mesmo viés étnico-religioso, estariam fadadas ao isolamento e restaria ao tal poder eurocentrista relegá-los ao ostracismo econômico ou protegê-los, intercambiando produtos e riquezas naturais já prospectadas mais

carentes de tecnologias apropriadas.

Na vasta região do Oriente Médio, o empecilho para tal em meados do século XIX era o domínio otomano que, por não se conceber desenvolvimentista, não admitia interferências morais, sociais e econômicas nas terras ocupadas há milênios, principalmente pelos "infiéis" europeus.

As famílias orientais cristãs, principalmente as sírias-libanesas, preferiram moldar seus comportamentos pelo modo de vida europeu do que seguir as tradições, muito mais aderentes à cultura muçulmana, modelo que se encaixava aos que pouco a pouco se tornaram inimigos, como os drusos.

As gerações foram se modernizando em todos os aspectos da vida social e funcional. Eram notórias as diferenças que as gerações impunham entre os cristãos maronitas, os cristãos ortodoxos e, principalmente, entre as diversas vertentes que fundamentavam a cultura muçulmana.

"Falando da nossa terceira geração, o nosso avô Demétrio ou Metre Heluy, ao invés das céleres viagens herdadas do pai e do avô, resolveu, além disso, montar uma indústria de selas, arreios, alforjes, artefatos de couro etc., que naqueles tempos, ditos produtos, tinham muita procura tanto em Zahle como em outras cidades. O

nosso Metre casou-se com a nossa inesquecível avó Mariam (eu tive a felicidade de conhecer e gostar muito dela) e com essa união tiveram seis filhos: o primeiro tio Tamer, tia Naddy, tio José (Yossef), meu pai Miguel, tia Suzana e tio Qesra, o caçula."



Casamento do Aziz Scaff com minha tia Jerse Heluy (1935) em São Luis do Maranhão. A maioria dos adultos desta foto migrou do Líbano no início do século XX

EM MUDANÇAS NAS TERRAS PROMETIDAS

Todos os acontecimentos que permeavam a possibilidade da modernização mexiam com as aspirações dos cristãos maronitas e aguçavam ainda mais o ódio aos drusos, curdos, sunitas e xiitas que habitavam o Oriente Médio, ainda apegados aos costumes tribais. Os anos dali em diante presenciaram a saída de centenas de milhares de libaneses em direção às terras da América, da África, do Oriente Médio e da Austrália.

Cronologicamente, o movimento iniciou-se com os conflitos comunais de vinte anos atrás, ganhando intensidade a partir dos anos oitenta até atingir seu pico nos dez primeiros anos do século XX, para então recuar e manter-se num volume constante e significativo até o início da Segunda Guerra Mundial.

Tal período, por sua vez, pode ser dividido em duas fases de características distintas quanto aos motivos e sujeitos da imigração, tendo como marco divisor o ano de 1920 – significativo por marcar a mudança do domínio turco-otomano para o domínio francês, a pedido dos próprios libaneses ao final da Primeira Guerra Mundial.

O desejo de singrar outras terras, naquilo que definimos como a primeira onda migratória para o Brasil, passou a habitar no desejo de membros jovens da família Heluy do vale do Beca nas

proximidades de Zahle.

"Pois estes nossos valentes antepassados cresceram justamente na época da grande influência migratória para as Américas, entre os anos de 1864 e 1865 e diante desse incentivo e encorajamento dos pais, as novas gerações dos cristãos maronitas sírio libaneses trabalharam duro para se aventurarem em terras distantes."

O Brasil vivia o final do segundo império, tendo saído politicamente desgastado da Guerra do Paraguai, mesmo sendo o vencedor. Isso se somava ao processo de transição para o fim do trabalho escravo, que foi realizado lentamente, demonstrando o desinteresse da monarquia em acabar com ele, uma vez que isso poderia prejudicar politicamente o monarca brasileiro. No final da década de 1880, quando a situação já era insustentável, a campanha abolicionista ganhou força no país, até a assinatura da Lei Áurea que proibiu o trabalho escravo.

A vinda dos imigrantes - e aqui entenderemos melhor o convite presencial anterior do Imperador aos cristãos libaneses - surgiu como alternativa para substituir os escravos, que, antes da metade do século, com a proibição do tráfico negreiro, estavam escasseando em nosso país. Eles foram muito importantes para

as fazendas de café, que começaram a crescer no Oeste Paulista. Antes, vieram para o Brasil muitos italianos e portugueses, bem como alemães e espanhóis, e na sequência os libaneses que, voltados ao comércio, se enraizaram mais nas atividades de mascates, viajando pelo interior do país e vendendo de tudo. E isso convém ressaltar, eram totalmente analfabetos na língua portuguesa.

"Ainda falando da terceira geração, a do nosso avô Demétrio ou Metre, os recursos adquiridos com o comércio foram suficientes para o nosso pai Miguel, ainda jovem, ser o primeiro da família Heluy a migrar para o Brasil, diretamente ao Rio de Janeiro, acompanhado do seu também jovem primo de nome José, ambos com um bom montante de libras de ouro no bolso, para enfrentar essa grande empreitada. Foram eles os primeiros a chegarem a São Luís, em companhia do seu patrício Yossef Zegurtauí, um homem viajado e experiente, que depois de algumas viagens por navios entre Rio de Janeiro, Belém e São Luís, gostou desta última cidade e decidiu ficar no Maranhão. Por um certo tempo, se dedicaram ao comércio ambulante, vendendo cidade a cidade, oferecendo joias, perfumes, tecidos de seda,

entre outros produtos."

Durante esse período, o Brasil passou por transformações que definitivamente levaram ao fim do trabalho escravo. É claro que isso encheu de esperanças os jovens imigrantes prontos para contribuir com a produção de riquezas. Porém, logo em seguida, eclodiu o golpe militar que conduziu à Proclamação da República, pondo fim à monarquia.

O temor do exílio imposto ao Imperador, - o protetor dos imigrantes - e o inusitado de nunca terem vivido em uma república, atemorizaram não só os cristãos maronitas, mas todos os imigrantes que se encontravam em vários estados brasileiros sob a salvaguarda do Imperador. Muitos deles ainda não possuíam nenhum documento que garantisse sua permanência um pouco mais longa no país.

UM PEDAÇO DA SONHADA FRANÇA

O Rio de Janeiro e o Recife, os primeiros portos receptores, lhes ofereciam acolhimento, até porque vários parentes estavam por lá. No entanto, a cidade de São Luís, capital do Maranhão, era também um refúgio a desbravar devido à distância dos grandes centros e à necessidade de dominarem a língua. Fundada pelos franceses no século XVII, cujo objetivo comum dentro do contexto da economia mercantilista da época era estabelecer a França Equinocial, a capital maranhense se destacava para os cristãos libaneses. Isso se devia à homenagem ao então Rei da França, Luís XIII, que, tanto pela cristandade como pela origem de aproximação em relações internacionais, lhes caiu na graça, sendo vista por muitos cristãos como uma dádiva divina.

A ilha cercada por um braço de mar, caracterizada como porto fluvial e marítimo, oferecia sua história receptiva, assim como a própria França cristã. São Luís, já no século XIX, desempenhava um importante papel na produção econômica do Brasil, tendo sido considerado o quarto centro exportador de algodão e arroz, depois de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, o que atraiu diversos grupos de imigrantes, principalmente os libaneses, em contraste com os sírios que optaram pelo Rio de Janeiro e Salvador.

Na época, São Luís era também chamada de Athenas

Brasileira, devido ao acúmulo de escritores, dramaturgos e poetas que despontavam no cenário cultural nacional, além de ter a fama de falar o melhor português no Brasil. O surto industrial maranhense teve início efetivo a partir da segunda metade do século XIX, no fim do Império e início da República, como uma saída encontrada pelo empresariado para superar as dificuldades que a atividade algodoeira enfrentava. Outros ramos industriais foram surgindo a partir de então, com maior ou menor sucesso, merecendo destaque a extração, já no século XX, do óleo de babaçu, que poucas décadas depois veio a assumir a condição de mais importante produto industrial do Maranhão.

"Acumulando algumas reservas e exausto da vida de mascate, meu pai Miguel Heluy resolveu instalar uma firma comercial na Rua do Trapiche, hoje Rua Portugal, na Praia Grande. Alguns anos depois, à medida que os negócios da firma progrediam, começou a convidar ou mandar trazer seus parentes e amigos para o Maranhão. Isso se deveu ao grande surto de desenvolvimento do comércio e da indústria têxtil, tanto na capital como em outras cidades do interior do estado.

Por isso, nosso saudoso Miguel mandou buscar seu irmão Quesra, que veio acompanhado da esposa e de seu

filho Nagib, e aqui tiveram mais nove filhos maranhenses, que considero como primos-irmãos. Em seguida, mandaram trazer seus sobrinhos Kalil e Demétrio, além de outros parentes, que todos ajudaram a trabalhar e progredir. Nessa época, o chefe Miguel, que já era casado, resolveu, por motivos de saúde, voltar à sua terra natal, em 1905, levando a esposa Malaki e seus dois filhos, Aziz e Jersy, nascidos em São Luís.”

Ao longo de todo o século anterior, a população do Líbano cresceu mais do que a de qualquer outro país da região, e em 1900, a densidade demográfica no Monte Líbano era a maior de toda a grande Síria. Além disso, ao contrário do que ocorria no Brasil, onde a população rural habitava sítios e fazendas muitas vezes distantes dos centros urbanos, no Líbano aqueles que trabalhavam na terra moravam em pequenas cidades ou vilas, cultivando as terras ao redor.

Essas áreas, apesar de serem cultivadas familiarmente e não coletivamente, não eram cercadas, sendo reconhecidos os lotes de cada família a partir de características naturais do terreno. A maioria das propriedades não era maior do que os pequenos sítios que se viam mais no sudeste do Brasil.

Em todas as aldeias, a vida diária da população era

praticamente voltada para a agricultura. Um proprietário podia ter um lote de terreno agricultável e, em outro lugar, ter outro pedaço, às vezes sete ou oito pedaços de terrenos, com oliveiras e vinhedos.

"Retornando a Zahle, nasceu o terceiro filho, Elias. O patriarca, após o tratamento da malária, retomou suas atividades nas terras da família, onde cultivou parreiras e outras árvores frutíferas, além de produzir vinho e comercializar essa produção. Isso foi o suficiente para acumular bens para o retorno e incentivar outros parentes e amigos a migrarem para o Brasil. Ele garantia-lhes um excelente ambiente de paz, trabalho e progresso que encontrariam na terra maranhense, onde todos os habitantes eram cristãos de bons costumes.

Por isso, muitos jovens conterrâneos decidiram vir para o Brasil, mais especificamente para o Maranhão, ao invés dos Estados Unidos, como eram seus sonhos e desejos. Graças ao Altíssimo, todos que vieram progrediram e foram felizes. Agora, juntos com seus talentosos descendentes, estão trabalhando e contribuindo para o crescimento do país."

O RETORNO AOS ANTIGOS E NOVOS ENFRENTAMENTOS

A realidade local libanesa já assimilava tudo o que acontecia ao redor, desde a intensificação da luta de classe até a Revolução Bolchevique e o conflito austro-húngaro, que culminou na Primeira Guerra Mundial. Todos esses acontecimentos aceleraram a desagregação do Império Otomano, pois a Primeira Guerra provocou um colapso generalizado tanto na Europa quanto no Oriente Médio.

Os otomanos, que foram aliados dos alemães e austríacos durante a guerra contra os russos, ingleses e franceses, se renderam, sendo obrigados a se retirar das nações sírio-libanesas, dando lugar à ocupação militar pelas tropas francesas que perdurou por muito tempo. A situação geopolítica começava a ferver nos arredores do Líbano. No pós-guerra, os britânicos, a quem foi conferido o papel de protetores da Palestina, criaram uma comissão de administração para todo o território, incluindo os lados do rio Jordão. Esse mandato se estendeu pelo período entre as duas guerras e só terminou em 1948, com a instituição do Estado de Israel.

Durante o período do Mandato Britânico, houve um alarmante ressurgimento do nacionalismo e do revanchismo político em várias partes do mundo, incluindo a Europa e o Oriente Médio. Foi

nessa época que houve a ascensão do nazifascismo e a intensificação do antissemitismo europeu. Obviamente, uma das repercussões disso foi o aumento da migração em massa de judeus para o território da Palestina. Ao mesmo tempo, começava um duplo fenômeno na região do Oriente Médio: a radicalização de uma parte do movimento sionista e a radicalização da ideologia nacionalista muçulmana. Seria muita pressão para os cristãos maronitas, que já tinham desafios suficientes, terem que lutar contra os judeus tão próximos. O que crescia então era a necessidade de sair de vez da terra querida.

Para entendermos as causas das constantes diásporas libanesas, a maioria das narrativas entende que, de acordo com as refregas e guerras ocorridas, houve quatro grandes fluxos migratórios decorrentes. O primeiro período vai da metade do século XIX até o início do século XX, tendo como principal fator as intermináveis guerras em solo libanês, que resultaram no esmagamento social da minoria drusa latifundiária, que semi-escravizava os camponeses cristãos maronitas por não terem condições de competir, e até de pagar pela proteção da maioria muçulmana, que se escudava há séculos no dominador otomano por afinidade religiosa.

O segundo fluxo ocorreu no início do século XX, quando já era possível identificar a existência de colônias libanesas bem

definidas, espalhadas por várias regiões da América do Sul. O terceiro ocorreu logo após a Primeira Guerra Mundial e o surto pandêmico da gripe espanhola, até a metade do século XX, quando os libaneses chegaram em massa ao sul do Brasil, completando assim a quarta leva migratória.



Combatentes do exército árabe no deserto da Arábia

AGRURAS E ESPERANÇAS NO NOVO SÉCULO

Nos primeiros anos do século XX, diversos acontecimentos levaram a um endurecimento da oposição pelo exército otomano. Inicialmente, é bom citar os métodos da tirania Hamida turca, que proibiu o livre-pensamento nas províncias do império, reprimindo duramente a produção cultural libanesa e provocando o exílio de seus intelectuais.

Com a revolução nacionalista turca, os grupos cristãos libaneses perderam o privilégio que tinham sob o tratado de proteção imposto pelas potências europeias ao Império Otomano e intensificaram a oposição e reação ao domínio turco. Com a I Guerra Mundial, o regime otomano nomeou interventores diretos para conseguir maior controle sobre a província, terminando definitivamente no país, a sua situação privilegiada.

Além disso, os turcos instituíram o alistamento militar dos cristãos para auxiliá-los nas guerras dos Bálcãs – obrigação da qual eram até então isentos – forçando muitos jovens a imigrarem como meio de fugir ao recrutamento. Para os cristãos libaneses, o recrutamento, além de complicar a vida econômica da família e o desenvolvimento pessoal do indivíduo, significava verdadeiros riscos físicos, além de simbolizar a submissão total e humilhante aos dominadores otomanos.

A economia na região montanhosa governada pelo Império Otomano era baseada principalmente na produção de fio de seda. Por quase toda a segunda década, as rotas comerciais foram fechadas, a produção de seda caiu e os moradores perderam sua fonte de renda. Podemos considerar que tenham sido os anos mais cruéis da história libanesa. A miséria imperava sob o poder discricionário dos otomanos, que também sabiam que seu domínio estava próximo do fim. Por isso, aliaram-se aos alemães do Segundo Reich, aumentando a violência contra os povos subjugados, principalmente os cristãos maronitas simpáticos aos franceses.

"Entretanto, em 1914, eclodiu a chamada Primeira Guerra Mundial, e o Líbano sofreu inúmeras intervenções de exércitos diversos, assim como bombardeios. O filho mais velho, Antonio, que no Líbano era chamado pelos pais, parentes e amigos de Aziz, e seu irmão Elias, ainda durante a guerra, tiveram que trabalhar como vendedores ambulantes para ajudar a família, pois o pai, Miguel, adoecera novamente e os negócios já não estavam indo tão bem. Em decorrência da guerra, os negócios sofreram grandes prejuízos, e a família Heluy perdeu praticamente todos os seus bens.

Infortunadamente, devido ao seu debilitado estado de saúde, o chefe da família, Miguel, veio a falecer logo após o fim do primeiro conflito mundial. Para agravar ainda mais o quadro, as plantações foram castigadas por invasões de pragas, sendo totalmente dizimadas por gafanhotos. O combate às pragas requereu de toda a família, amigos e vizinhos um esforço extra no seu combate.”

Com o fim da guerra, instala-se, por imposição e a pedido, o mandato francês na Síria e no Líbano (1920-43) sobre os escombros do multissecular Império Otomano e do efêmero Reino Árabe-Sírio, aprofundando o regime confessional com a fundação do Grande Líbano, em 1920, em atendimento a uma antiga reivindicação dos patriarcas cristãos maronitas. Isso envolveu a anexação à província do Monte Líbano de cidades costeiras e regiões de maioria muçulmana e de expressiva população cristã greco-ortodoxa.

O exército francês se instalou nas regiões, e os vexames e humilhações com que os franceses afligiram os libaneses durante os vinte e cinco anos de domínio são inimagináveis. Iniciaram a ocupação com a benevolência dos que têm poder, chegando como salvadores a um povo oprimido, mas depois mostraram seus

despotismos e arbitrariedades. O pior dos atos franceses foi dividir o país em partidos religiosos e numerosas seitas, ao invés de constituir partidos políticos. No entanto, os nossos “Heluys” não chegaram a vivenciar isso, pois saíram antes, aos poucos.

"O jovem Aziz, já aos dezenove anos e algumas economias, resolveu viajar de volta para o Brasil, sua terra natal, que não conhecia. Porém, pelo que ouvira de seus pais e de alguns amigos, vislumbrava maiores oportunidades de negócios, bem como de dar à sua família uma melhor qualidade de vida. Aziz, quando do seu embarque de navio para o Brasil, já era um homem feito, falava e escrevia fluentemente o árabe, o inglês e o francês, embora só tivesse cursado as primeiras séries do que poderia chamar-se ciclo básico. Chegou ao Maranhão sem falar uma palavra em português e logo procurou a colônia libanesa, conseguindo apoio de parentes e prósperos comerciantes libaneses locais, seus tios Quéssera Mettre e José Jorge Àzar. Por dois anos, após conseguir juntar economias suficientes para trazer ao Brasil a sua mãe Malaki e seus dois irmãos Jersey e Elias, que chegaram por Recife, onde foram recebidos e hospedados pela sua irmã Xafia, casada com

o também comerciante Nagib Facury e sua numerosa família. E de lá partiram para São Luís, onde os queridos irmãos Aziz e Jersey os esperavam."

<p>orto de Sabora ino da Rocha, o d'Aguiar Picanço, Carvalho de Sã. 1520-1</p>	<p>Do Rio seguiu para a Europa o deputado pelo Pará dr. Pedro Cher- mont.</p>	<p>31 rezes foram abatidas para o consumo de hoje.</p>	<p>Fallecidos de dia 55 Fallecidos de noite 51 106</p>	<p>de pão à S. Casa, no proximo mez, ao preço de \$10 por kilogramma.</p>
<p>queza geral e Impo- tencia calmente curam se com o «Caramuru» do Dr. Assis, or tónico conhecido e o mais estimulante do systema ner- eprimido. 176-4</p>	<p>Procedente d'Italia passou pelo Pará, no dia 26 do pp. para o porto de Manaus, o paquete «Re Hum- berto.»</p>	<p>O triste acontecimento na Italia Ainda sobre o crime de que foi victima o «Rei Humberto», são do «Journal da Manhã» estes despachos telegraphicos: Rio 1, às 11 horas da noite.</p>	<p>Por districto do fallecimento No 1.º districto policial. . . 38 No 2.º districto policial. . . 62 No districto do Bacanga . . . 1 No districto da João Força . . 5 — 106 Directoria do Registro Civil, em S. Luiz do Maranhão, 2 de Agosto de 1900. O director, <i>Raul C. Machado</i></p>	<p>Parabens Ao nosso estimavel amigo e colle- ga, Raul d'Azevedo, redactor do «Di- ario de Noticias» de Manaus, agra- decemos a delicada communicação, que nos fez, do seu feliz enlace com a exma. sr.ª d. Julieta Lessa Abraçando-o, auguramos-lhes feliz e venturoso porvir.</p>
<p>Hoje! RS. 600\$000 RS 9 horas da noite. Amanhã! s. 5:000\$000 rs. A's 2 horas da tarde POPULAR SONHO D'OURO de, força e potencia segue se com o «Vinho Caro- do Dr. Assis, o melhor ta-</p>	<p>Os de'egalos do Partido do ex- presidente do Ceará, Dr. Nogueira Accioly, o escolheram para substi- tuto do Dr. Pedro Borges, na Cama- ra dos Deputados. Do Contestado Franco brasileiro chegou em 26 do pp. ao porto do Pará o vapor «Gassiporé», vindo nel e o capitão-tenente Cunha Go- mes, chefe da commissão brasileira. Reinava toda ordem Houve festa no acampamento francez no dia 14 de Julho, sendo</p>	<p>A Camara dos deputados na segun- da feira e o Senado hontem, fizeram inserir na acta um voto de pezar e levantaram a sessão em manifesta- ção de condolencias pelo assassinato do Rei Humberto. Bressei o assassino de Humberto, exercia a profissão de sapateiro. O ca-laver do inditoso Rei da Italia foi embalsamado pelos medicos Erlea,</p>	<p>(1) Neste numero não estão incluidos os nati-mortos. Palestra litteraria Reitison se hontem, no salão do «Centro Caixaerial,» uma nova pa- lestra litteraria. Fran Paxeco falou a respeito de—<i>Eça de Queiroz e o ro- manço p rtuguez.</i> Principion por ler uns topicos de Teofilo Braga, em que fez reren- cias agradabilissimas a João Lisboa e de larand que aceita com p azer o encargo de prefatar as obras districto de immo-procedura para</p>	<p>Consociam-se amanhã, o sr. Mi- guel Metri Helue, negociante, ara- be, e a joven sna patriicia d. Malaqui Cory. O acto civil terá logar na casa de residencia á rua da Estrella, e o acto religioso na Igreja Cathedral. Actos Officiaes Deputado de hontem foi nomeado</p>

Publicação do casamento do meu avô Miguel Metri Heluy com Malak no jornal Pacotilha no início do século XX

POR ONDE CANTA O SABIÁ

A prosperidade econômica experimentada por muitos países durante a década de XX foi de natureza exuberante e eufórica em todos os países das Américas. Cada período de prosperidade foi resultado de uma mudança de paradigma nos assuntos globais. As mudanças ocorreram em parte como resultado da conclusão da Primeira Guerra Mundial e do extermínio da gripe espanhola.

No Brasil, movimentos artísticos como a Semana da Arte Moderna e o pleno desenvolvimento industrial paulista com a chegada em massa dos operários italianos representaram um processo de transição econômica e social, a partir do chamado modelo primário exportador, rumo a um novo padrão de acumulação – o do crescimento para dentro. A revolução tenentista que deu esteio ao golpe que viria a seguir caracterizou as sintomáticas mudanças que marcaram a década.

No Maranhão não foi diferente. Começava a se consolidar o que já estava acontecendo em várias capitais: grupos que pregavam a ideia de revolução, entendida como a tomada de poder pela via armada com vistas à superação da “política oligárquica”. Um grupo político de São Luís aderiu à ruptura nacional representada pela reação republicana, que após a derrota nas urnas passou a defender um levante armado nacional com a

ajuda de alguns militares, que afinal não se concretizou. No Maranhão, chegou-se mesmo a depor o governador interino do Estado. O grupo, posteriormente, alinou-se ao “tenentismo”, e a partir de 1925 estreitou relações com os representantes maranhenses do Getúlio Vargas em apoio à sua revolução de 30 na ditadura que se seguiu até 1945.

"Apesar de viverem no meio dos diversos imbróglis políticos, onde ataques e incêndios propositais aconteciam de vez em quando na já considerada "ilha rebelde", tanto por resistir às mudanças como para incentivá-las, nada poderia se comparar com o horror e o despotismo que haviam vivido antes em seu berço natal. Por conta disso, patrícios de posses mais portentosas, recém-chegados do Líbano, abriram e administraram grandes cotonifícios, constituindo assim um dos maiores parques têxteis do nordeste brasileiro. Os sírios libaneses passaram a dominar a indústria e o comércio maranhense em várias frentes, com levas e levas de famílias chegando para trabalhar nelas, além de proporcionar emprego sólido aos maranhenses e criar vilas operárias. Com a família já adaptada à língua e ao clima, Aziz inaugurou a sua própria loja com o irmão

Elias, que a denominou Casa Dois Irmãos, especializada em fabricar e vender artigos para viagens, bolsas escolares e objetos esportivos. Aziz, sempre interessado, inteligente, curioso e estudioso, procurou aprender a língua, costumes e características do comércio local. Elias, com mais dificuldades na língua, era o artesão que comandava a produção e se deslocava em vendas mascateiras."

O governo de Getúlio Vargas foi implantado totalitariamente, reprimindo todas as insurgências políticas, tanto de extrema direita quanto de esquerda, consolidando sua ditadura com a instalação do Estado Novo. Nesse período de controle ideológico, a censura foi aplicada aos órgãos de imprensa e veículos de comunicação, tornando-se um instrumento estratégico na propagação de ideologias ufanistas e de exaltação ao trabalho, o que favoreceu a atração de imigrantes.

A estratégia do regime, inicialmente alinhada ao fascismo, consistia em incentivar o trabalho nas cidades, aliviando a carga sobre os latifundiários e promovendo pequenas indústrias, além de fornecer financiamento para pequenos comerciantes, que até então sofriam com agiotas. Isso incentivou os sírio-libaneses a enfrentarem os negócios com determinação.

A colônia sírio-libanesa, ciente das complexidades políticas ao seu redor, não se envolvia diretamente e apoiava qualquer governo que tivesse o respaldo da Igreja Católica Apostólica Romana, que os havia convertido à fé católica, abandonando o dogma maronita.

Em São Luís, a produção e a venda dos irmãos Heluy continuaram a crescer, mesmo após a deflagração da Segunda Guerra Mundial e a entrada do Brasil no conflito. Eles mantiveram seus negócios estruturados como pequena indústria e comércio, chegando a empregar quinze funcionários entre balconistas e operários.



Recepção dos patronos da colônia libanesa em São Luís (1940) a um bispo ortodoxo. De terno branco, meu tio Aziz e meu pai Elias

Enquanto isso, em sua terra natal, com a independência da República Libanesa, foi estabelecido um pacto não escrito entre cristãos e muçulmanos para criar uma falsa neutralidade geopolítica. O poder foi dividido de acordo com o peso demográfico das comunidades confessionais, conforme o censo de 1932, que apontou uma maioria cristã maronita. Assim, a presidência da República e a chefia dos serviços de informações foram reservadas aos cristãos maronitas; o cargo de primeiro-ministro para muçulmanos sunitas; a presidência do parlamento para muçulmanos xiitas, o cargo de vice-primeiro-ministro para cristãos greco-ortodoxos, e assim por diante.

"A irmã Jersy, antes da guerra, casou-se com o também comerciante patricio Aziz Scaff, adotando os filhos Maria José (Zuzu) e José de Ribamar. Durante a Segunda Guerra Mundial, os irmãos Heluy também se casaram. Aziz casou-se com a jovem Eunice, filha dos libaneses Aristides e Angelina Mubárack. Dessa união, nasceram os filhos Odila e Miguel. Odila se formou em direito, enquanto Miguel se especializou em administração de empresas após obter sua graduação em economia. Já o irmão Elias, ao viajar para o Recife a negócios, reencontrou e casou-se com a prima Odete, filha dos tios

que a haviam recebido carinhosamente em sua vinda ao Brasil. Dessa união, nasceram três filhos: Marly, José (este continuador das memórias ancestrais) e Elidete. Marly e Elidete se formaram em advocacia, enquanto José obteve mestrado em Letras e Artes."



Meu pai Elias Heluy comigo e minha irmã Marly no final da década de 40

A FORÇA DAS MULHERES COMO MARCA FAMILIAR

Após a Segunda Guerra, o mundo alçou suas esperanças, mas também nos deixou com vários traumas, sendo o instinto de autodefesa uma reação natural. As mulheres, em particular, têm esse instinto aguçado devido às suas próprias naturezas. Os tempos eram marcados por pura incerteza quanto ao futuro, após o mundo ter experimentado duas guerras violentas. Por consequência, as mulheres começaram a buscar mais autonomia.

Em culturas mais pobres, o trabalho das mulheres sempre foi necessário e realizado com dedicação, especialmente na agricultura. Para as famílias de classe média, a ideia predominante era que as mulheres deveriam se dedicar ao trabalho doméstico, uma ordem mantida tanto por questões morais quanto religiosas. Essa tradição precisava ser preservada a todo custo para manter a ordem familiar. Inicialmente, a busca por autonomia surgia da colaboração com os maridos nos negócios ou da abertura de empreendimentos próprios. Isso ocorria enquanto elas cuidavam dos filhos e enfrentavam diversos preconceitos e o repúdio de uma sociedade extremamente moralista e conservadora.

Na maior parte do Oriente Médio, de onde muitas delas vinham, a cultura islâmica ainda limita os direitos à liberdade feminina. As mulheres são muitas vezes tratadas como seres

totalmente tutelados por seus pais, maridos, pátria e religião.

No entanto, o Líbano, historicamente, tem sido um oásis de liberdade nesse aspecto. Desde o início do século XX, o país não se deixou reprimir nem pelo domínio otomano, nem pelas diferentes seitas fundamentalistas, em grande parte devido à forte atuação educacional dos cristãos maronitas.

"A origem da família Heluy, que teve início a partir do apelido da bela Nadja, não poderia deixar de influenciar suas herdeiras. As mulheres libanesas sempre foram o esteio da resistência contra diversos governantes opressores, incluindo otomanos, drusos, franceses, nazistas e judeus.

O comércio dos dois irmãos Heluy estava em crescimento, e suas esposas também contribuía para o negócio, alternando-se nas atividades comerciais. Porém, chegou um momento em que as mulheres perceberam a necessidade de uma separação comercial, devido ao aumento da clientela. Essa ideia já havia sido aventada anteriormente, mas os irmãos relutavam em aceitá-la devido ao amor e ao respeito mútuo que sentiam um pelo outro. Seu vínculo era muito forte para ser rompido.

No entanto, em uma viagem dos dois irmãos, as mulheres decidiram dividir igualmente todos os produtos e acomodá-los em um espaço comercial vago, localizado a um quarteirão de distância, na já movimentada Rua Grande. Quando os irmãos retornaram de suas viagens, ficaram inicialmente irritados com essa decisão. No entanto, seguindo a tradição da força das mulheres, cada um decidiu seguir seu próprio caminho, criando uma competição saudável entre eles. Surpreendentemente, nunca houve rixas ou ressentimentos entre os dois, apesar de os conflitos terem surgido em seus círculos familiares."

Depois da queda do parque fabril têxtil maranhense, que era praticamente dominado por várias famílias de sírios libaneses, iniciou-se um processo de falência a partir da década de sessenta, devido à entrada de produtos têxteis de maior qualidade e uma variedade de produtos. Algumas famílias sobreviveram na produção de óleo de babaçu, mas também enfrentaram desafios, já que utilizavam as quebradeiras de coco em condições precárias de trabalho, com jornadas exaustivas e ganhos abaixo do necessário para sua subsistência. Isso resultou em inúmeras multas trabalhistas.

Com a criação de uma importante infraestrutura ferroviária, incluindo a Estrada de Ferro Carajás, a Ferrovia Norte-Sul e a Companhia Ferroviária do Nordeste, juntamente com uma vasta malha rodoviária federal e estadual que cortava o território maranhense em todas as direções, o complexo portuário formado pelos portos do Itaqui, da Alumar e da Ponta da Madeira se tornou o terminal marítimo brasileiro mais próximo dos mercados americano e europeu. Isso atraiu grandes magazines que ocuparam pontos da Rua Grande, onde os dois irmãos, cada um à sua maneira, resistiram enquanto puderam. No entanto, não conseguiram competir com produtos de alta qualidade e o modelo de vendas a longo prazo nas lojas de variedades, que foram precursoras dos shoppings atuais.

Na década de setenta, já com idades avançadas, os irmãos fecharam as portas de seus comércios. O irmão mais velho, Aziz, passou seus últimos anos de vida até a década de noventa no Rio de Janeiro, após perder seu irmão Elias, que preferiu permanecer em São Luís e descansar em sua terra natal.



Foto da minha família



Meu pai Elias com sua filha Marly, e meu tio Aziz com sua filha Odila



Na década de 70 os dois irmãos: Elias e Aziz Heluy, que se tornaram comerciantes em São Luís do Maranhão

PARA AS REFERÊNCIAS NÃO SE PERDEREM

Como o leitor deve ter notado, toda a trajetória descrita, tanto por mim quanto pelo meu tio e padrinho Aziz, foi pautada em quatro vertentes: o contexto social e político de cada localidade, destacando a origem do sobrenome; o berço e o acolhimento dos personagens que constituíram a família Heluy ao longo de mais ou menos duzentos anos; a imigração, que se deu em três deslocamentos diferentes; e o comércio, que, tanto em Zahle no Líbano como em São Luís do Maranhão, Brasil, formam os principais elementos da narrativa.

Apesar de terem conquistado tudo o que possuíram por meio do comércio e de terem deixado esse legado aos seus filhos, os irmãos Aziz e Elias frequentemente se queixavam das agruras do comércio. Meu pai, Elias, em qualquer investida comercial minha, costumava repetir "Não quero filho meu comerciante." Por que isso?" Eu me perguntava. Talvez porque desde cedo eles tiveram que vender bugigangas para sobreviver, ou talvez devido à dificuldade da língua ao tentar argumentar nas vendas. Pode ser também que fosse pela angustiante espera por um cliente ao abrir as portas de seus comércios, pelas limitações nos prazos de pagamento a fornecedores ou pelo estoque parado por mais de trinta dias. Ou quem sabe eles já estivessem prevendo o que de

fato aconteceu com eles ao serem superados pelos magazines, pelos shoppings e, atualmente, pelo comércio virtual.



Visita do Embaixador do Líbano Adib Nahas a São Luís. Ele está sentado ao centro de terno escuro rodeado pelos Heluy's juntamente com a colônia libanesa (1954)

O FUTURO MAIS PRÓXIMO ESTÁ NAS MÃOS DOS HERDEIROS DA FAMÍLIA HELUY

Outra questão a se notar é que eles praticamente se casavam entre si, geralmente com pessoas das famílias originárias da mesma região, às vezes até parentes bem próximos, como foi o caso dos meus pais. Somente no final do século XX e a partir da chegada do segundo milênio é que a família começou a se miscigenar, com os herdeiros casando-se com esposas e maridos de famílias de origens portuguesas, espanholas, africanas e indígenas. Os sobrenomes Dantas, Loureiro, Barros, Moraes, Arrabal, entre outros, se acoplaram ao Heluy, marcando praticamente duzentos anos de trajetória aventureira e heroica desde o início dessa família que por si só atravessou momentos ricos da nossa história mundial.

A CRONOLOGIA GENEALÓGICA

Simão Brudarwuik e Nadja, a Heluy, geraram Ibrahim e Tamer Heluy que gerou Nicolau, Salma, Bechara e Demétrio, que gerou Quesra e Miguel, que gerou Aziz, Jersy e Elias.

Aziz Metre Heluy com Eunice Mubarack Heluy, geraram Odila Heluy Dantas, casada com Antônio Dantas, que geraram Maria Cecília Heluy Dantas que gerou Letícia. Odila e Antônio também geraram Antônio Frederico Heluy Dantas, Augusto César Heluy Dantas e Ana Cristina Heluy Dantas, casada com Flávio Chaladovsky que geraram, Ana Luiza, Isabela e Rafaela.

Aziz e Eunice também geraram o filho Miguel Mubarack Heluy casado com Vilma Moraes Heluy que geraram Daniela Heluy Mendonça, que se casou com Bruno de Lima Mendonça que geraram Alberto e Mariana. Miguel e Vilma também geraram o filho Tamer Moraes Heluy, que se casou com Michelle Godinho, que geraram Isabela.

São herdeiros de Jersy Heluy Scaff e Aziz Scaff os filhos adotivos José de Ribamar Goulart Heluy, casado com Helena Barros Heluy que geraram Jacqueline Barros Heluy, José Antônio Barros Heluy e Lúcia Helena Barros Heluy.

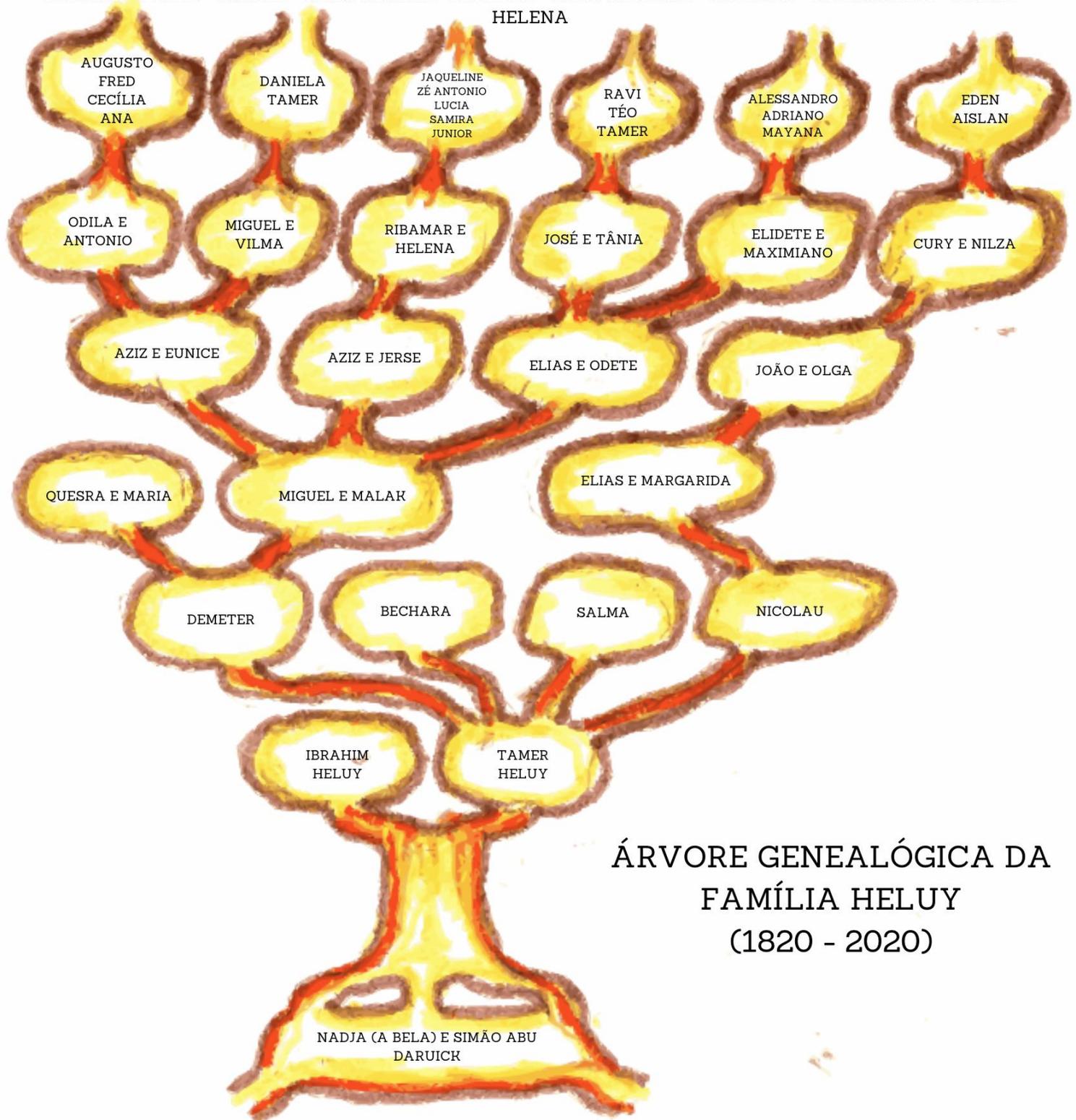
São herdeiros de Elias Miguel Heluy e Odete Facury Heluy, José Facury Heluy que se casou com Tânia Arrabal Heluy que

geraram Ravi Arrabal Heluy, Téo Arrabal Heluy e Tamer Arrabal Heluy.

Elias e Odete também geraram Elidete Heluy Carneiro, viúva de Maximiano Carneiro Neto que geraram Alessandro Carneiro Heluy que se casou com Clélia Pinheiro tendo como filhos Luiza, João Miguel e Daniel.

Elidete e Maximiliano também geraram Mayana Carneiro Serejo, que se casou com José Serejo tendo como filhos Leonardo, Matheus e Marina.

LETÍCIA - ANA - RAFAELA - ISABELA - ALBERTO - MARIANA - ISABELA - LEONARDO - MARIANA -
 MATEUS - LUIZA - DANIEL - JOÃO MIGUEL - MIRELLA - JOÃO RICARDO - MARCUS - MARIA JÚLIA - MARIA
 HELENA



ÁRVORE GENEALÓGICA DA
 FAMÍLIA HELUY
 (1820 - 2020)

CONSULTA BIBLIOGRÁFICA

CHALLITA, Mansour. Este é o Líbano. Associação Cultural Internacional Gibran, Rio de Janeiro, 1976.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Etnias e Culturas no Brasil. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.

GATÁZ, André Do Líbano ao Brasil
História Oral de imigrantes. Editora Pontocom São Paulo, 2013.

HELUY, Metre Aziz História da Família Heluy e sua Árvore Genealógica (Manuscrito) - São Luís, 1963.

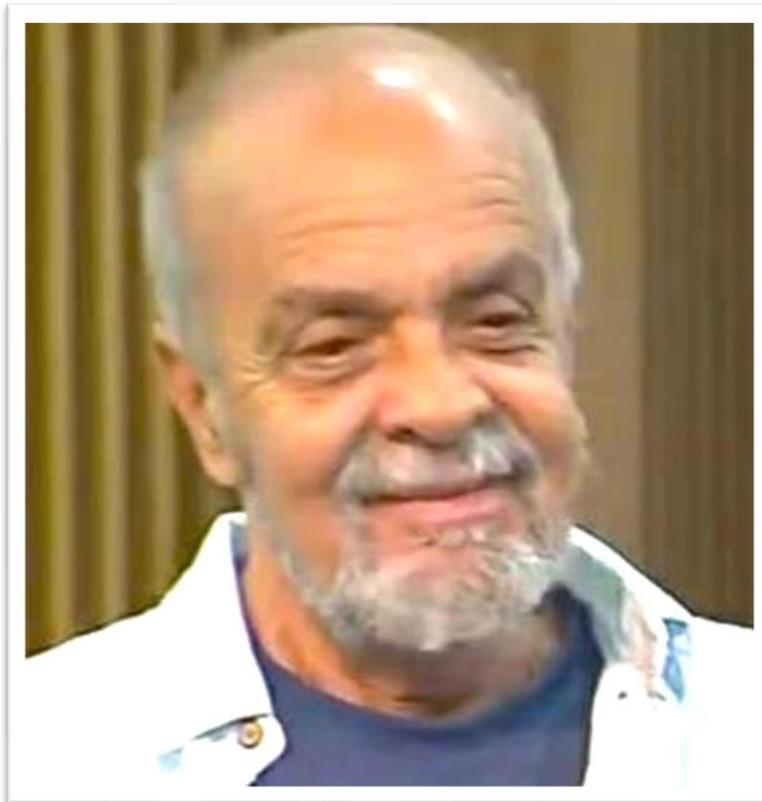
HOURANI, Albert. Uma História dos Povos Árabes. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NAPOLITANO, Marcos História do Brasil República (Da queda da Monarquia ao Estado Novo) Contexto, 2006.

SAFADY, Jamil. Panorama da Imigração Árabe, in "Obras Completas" - V. 1 ed. Comercial Safady Ltda. São Paulo, 1979

O AUTOR

José Facury Heluy é autor, ator, diretor teatral, pós-graduado em cenografia, e aposentado como arte-educador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mora há quase 40 anos na cidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, onde foi condutor de várias montagens teatrais com o Grupo Creche na Coxia, detentor de vários prêmios com espetáculos adultos e infantis. Foi secretário de Cultura de Cabo Frio (2013/2016), e é atualmente Conselheiro Nacional de Cultura (2022). José Facury também administra o ponto de cultura da Associação Tribal. Na dramaturgia publicou as obras “Magia das Águas” (Editora Cepetin/Brasil, 2007) e “O Ator e a Cena” (Editora Cravo, Portugal, 2021).



DO CEDRO AO PAU-BRASIL

a família Heluy no Brasil

AUTOR

José Facury Heluy

CAPA E REVISÃO

Téo Arrabal Heluy

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



Edição do autor - 2023